

**“MEU PAI BATIA BUMBO”: UMA LEITURA DAS PRÁTICAS CULTURAIS
AFRO BRASILEIRA NO ENGENHO BURACO D’ÁGUA (ALAGOA GRANDE-
PB)**

Maria Regina Alves dos Reis *

Josemir Camilo de melo**

O presente artigo se propõe a analisar as práticas culturais afro brasileiras que se configuravam e se resignificavam no cotidiano do engenho Buraco D’água, a partir das primeiras décadas do pós abolição, através das memórias de uma descendente de escravos que viveu neste engenho. Nesse sentido as práticas culturais que eram vivenciadas em meio a um trabalho árduo e contínuo tornavam-se formas de sobrevivência em uma sociedade que continuava vendo-os como escravos. A espiritualidade e as práticas religiosas consistiram em uma das formas mais significativas de manutenção de uma identidade cultural. Os saberes e produções culturais dos afros descendentes foram constituídos no cotidiano da história, através de valores adquiridos na tradição oral, de modo que, em diferentes temporalidades estes povos desenvolveram conhecimentos que foram perpassados através do tempo a diferentes gerações, e estas foram resignificando suas práticas e produzindo assim, um rico patrimônio histórico cultural material e imaterial que os representa, mostrando a sua diversidade cultural. A partir dos relatos orais de um afro descendente os fios da memória vão sendo tecidos, evidenciando uma relação dicotômica entre as tentativas de estratégias de controle e as táticas de sobrevivências (CERTEAU, 1994). Usaremos da história oral (ALBERTI, 2005), como história de vida, tendo em vista que as narrativas contribuem para uma (re) leitura das práticas e das memórias dos afros descendentes.

Palavras-Chave: memória, práticas culturais, afro descendentes.

*Graduanda do Curso de História da universidade Estadual da Paraíba-UEPB

reginareishistoriadora@gmail.com

**PHD em História, professor visitante da UEPB

Jcdemelo2@gmail.com

Introdução:

Quando se propõe abordar questões que tratem das culturas afro brasileira, deve-se pensar a partir das relações, símbolos, sabedoria e valores culturais do homem africano que foram silenciados, ocultados enfaticamente pelo discurso eurocêntrico como nocivos à cultura branca. Isto tem, historicamente, determinado aos descendentes dessa população uma desvalorização social e cultural que reforça a suposta superioridade de um grupo dominante que se considera mais desenvolvido que outros.

Esses discursos se articularam para apagar a presença do negro na constituição da identidade cultural brasileira e anular qualquer forma de resistência. O efeito desse silenciamento resultou na depreciação do negro e sua cultura, passando este a ser julgado na sociedade de forma negativa. No entanto, isso não tem evitado que essa população continuasse a expressar suas práticas culturais.

Os saberes e produções culturais dos afros descendentes foram constituídos no cotidiano da história, através de valores adquiridos na tradição oral, de modo que, em diferentes temporalidades estes povos desenvolveram conhecimentos e estes foram perpassados através do tempo a diferentes gerações. Estas foram resignificando suas práticas e produzindo, assim, um rico patrimônio histórico cultural material e imaterial que representa estes povos, mostrando a sua diversidade cultural e colaborando deste modo, na construção da identidade cultural afro brasileira.

Buraco d'água e suas manifestações culturais

O engenho Buraco D'água se localiza numa comunidade rural do Município de Alagoa Grande-PB, tendo recebido o nome da própria comunidade, pois as terras dessa comunidade e as circunvizinhas pertenciam à família Minineia, proprietária do engenho. A propriedade era composta por uma grande extensão de terra, a casa grande, o engenho, o canavial, as casas dos moradores, o roçado dos moradores no qual

praticavam uma agricultura de subsistência. Embora não houvesse uma capela, um espaço dentro da casa grande, a que chamavam de oratório, servia para fazer suas orações, pois se tratava de uma família católica. O engenho era grande produtor de cachaça e rapadura que eram transportadas nos burros para Campina Grande, Alagoa Nova e Alagoa Grande.

A referida comunidade era espaço de diversas expressões culturais que se caracterizavam pelo hibridismo cultural. Entre as diversas práticas e tradições que tinham sua gênese na África e que eram praticadas não apenas por Dona Dinda e sua família, mas por toda a comunidade, estavam as práticas de curas por meio do uso de ervas e de rezas, orações para a cura de várias enfermidades

No meu tempo não tinha hospital, não. O que fazia, era remédio do mato, de folha de mato, cidreira, capim santo. Fazia chá de papaconha, era o maior remédio do mundo, era a papaconha, Aguardente alemão Servia pra trombose, agora o bom mesmo era o café do gergelim, torra o gergelim, pesava ,fazia o café, tirava o sumo do hortelã miúdo, curava tudo no mundo. Hoje em dia ninguém quer fazer isso é remédio lá da farmácia, vai atrai né do doutor, mas antigamente não tinha doutor não, pra pobre não, era todo remédio do mato, e tudo era curado (Entrevista realizada no dia 20 de abril de 2011).

A medicina caseira foi uma herança cultural deixado por seus descendentes. Além do uso de chás, lambedores e compressas, ainda existe a praticas de rezas como meio para obter a cura de diversas enfermidades. Essas práticas vindas de tradições africanas evidenciam que as religiosidades eram vivenciadas em diferentes situações e ocasiões do cotidiano da comunidade. Essas manifestações culturais se davam em meio a um catolicismo bastante forte na comunidade de Buraco d'água, pois os senhores de engenho "cuidavam" para que seus subjugados fossem doutrinados, catequizados. Isto, na maioria das vezes, era feito pela própria Dona Marieta, dona do engenho e católica fervorosa, defensora da moral e da fé cristã. Isso fica bastante evidente na fala de Dona Dinda:

Quem me ensinou a rezar mesmo, pra eu rezar foi minha mãe que me ensinou aí quando ela morreu a finada Jovença ,era uma veia que tinha que criou minha mãe, que criou minha família, aí ela me ensinava a rezar, aí dona Marieta acabou de mim ensinar, aí me levou pra fazer a comunhão, eu fiz a comunhão .Marieta era a mulher de Minineia dono do engenho (entrevista realizada no dia 20 de abril de 2011).

É importante destacar que as populações negras buscaram se organizar por meio de irmandades religiosas para promover a ajuda mútua, disseminando também suas práticas culturais religiosas no universo do catolicismo, num processo de construção e reconstrução de sua identidade na América. As festas organizadas pelas irmandades em homenagem aos padroeiros eram grandiosas e costumavam reunir centenas de pessoas dentro e fora da igreja. As novenas e procissões aconteciam em meio a muita dança fogos de artifícios, bebida e comida. No pós abolição essas práticas continuaram com os libertos.

A comunidade Buraco d'água vivenciava momentos de festividades que proporcionavam divertimento e espaços de sociabilidades entre as pessoas da localidade, o encontro entre parentes e amigos, compadres. Esses eventos funcionavam como uma “fuga” da vida dura de trabalho cotidiano. Entre esses momentos de descontração estavam às festas religiosas.

De primeiro rezava ma as não tinha muito frevo (batuque) não, rezava o mês de maio quando era na derradeira noite fazia a fogueira e queimava as flor. No mês de maio não tinha não, só tinha por são João, era ciranda chamava o coco. Era na casa de seu Mané Linaça, ali todo São João tinha uma festa muito grande, as filhas deles vinha de João Pessoa com seus maridos ,era um povo muito rico, era uma festa muito grande, era muita canjica, muita pamonha, muito queijo que eles trazia ai botava os pratos de queijo na mesa e canjica, pamonha, ai seu Mané Linaça dizia: ei vocês rico não vem agora nenhum, quem vem é meus morador pobre, essa festa aqui é por causa do suor deles, se não fosse eles trabaiá vocês não comia não, ai eles caia naquela risada, ai tinha muito batuque, muita ciranda, tinha muito fôgo, tinha mijão, tinha busca pé, tinha aquelas rodona grande (entrevista realizada no dia 20 de abril de 2011).

Esse relato enfatiza que nas festas religiosas em homenagens a santos católicos, a princípio não era permitido a presença de elementos que fizessem referência a cultura negra. Apenas na festa da colheita, em homenagem a São João eram permitidos os festejos e expressões da cultura afro brasileira. Como relata dona Dinda, era muito batuque, muita ciranda, ‘fógos’, coco de roda, tudo isso para comemorar a colheita que resultava em lucro para o latifundiário, dono do engenho. A festa deve ser pensada como uma importante prática cultural que fornece elementos para uma compreensão dos valores e das relações vividas por um grupo considera que os rituais religiosos e as festas têm um efeito restaurador da solidariedade grupal. O costume de realizar festas religiosas no Brasil provém de da herança da liturgia católica portuguesa (ASSUNÇÃO, 2009).

Esses momentos de festividades evidenciam a presença ao mesmo tempo da estratégia por parte do senhor de engenho e da tática por parte dos “moradores”. A estratégia era estabelecer boas relações para garantir o bom desempenho no trabalho e o conseqüente lucro, já os que o dono de engenho chama de “moradores” aproveitavam esses espaços de sociabilidades para manifestar suas culturas que historicamente foram perseguidas, proibidas, além de garantir trabalho e moradia. Nesse sentido a tática se configurava nos meandros do cotidiano, nas “pequenas coisas” na maneira de pensar, habitar, falar, ou seja, na maneira como o “sujeito” se coloca na sociedade. (CERTEAU, 1994) A relação supostamente amistosa que parecia se edificar entre seu Mineira dono do engenho e seus subjugados, nada mais era do que estratégia de controle, que implicava no fortalecimento do seu poder.

A espiritualidade e as práticas religiosas consistiram em uma das formas mais significativas de manutenção de uma identidade cultural, assim como corroboravam como uma forma de resistência às estratégias de controle. Desde então os elementos da cultura africana representam uma das heranças culturais mais fortes e mais presentes na sociedade. Aos poucos os aspectos da religiosidade africana se manifestavam no interior do catolicismo, na comunidade. Como relata Dona Dinda: “Meu pai batia bumbo, todo ano tinha estas procissões acompanhada com os batuques, quando nasci já existia ate hoje rezamos assim” (DONA DINDA, 90 anos, entrevista realizada no dia 20 de agosto de 2008). Como fica evidente a cultura africana adentra o catolicismo, pois as procissões são homenagens a santos

católicos e os batuques são uma prática da cultura africana, que essa afro descendente carrega consigo. Até hoje, ela se identifica como católica fervorosa pertencente a uma irmandade católica, mas os batuques que lhe trazem a memória do cotidiano dela e de seu pai estão presentes quando ela homenageia seu santo de devoção.

Por influência de Dona Marieta, Dona Dinda passa a pertencer à irmandade religiosa coração de Jesus, dirigida pelo Padre Jose Borges de Alagoa Nova

Dona Marieta acabou de me ensinar, ai me levou pra fazer a comunhão, eu fiz a comunhão. Marieta era a mulher de Minineia, dono do engenho. Foi, me levou (e) quem me confessou e fez minha comunhão foi padre Zé Borges, ai ele me deu a Irmandade do Coração de Jesus, aí ele disse que era pra eu fazer nove primeira sexta feira do mês eu fiz, todo mês eu confessava e eu todo dia quando eu me levantava, bem cedo eu rezava um pai nosso e dez ave Maria pro Coração de Jesus (entrevista realizada no dia 20 de abril de 2011).

Esta Irmandade não era como as Irmandades dos negros, que eram espaços que fortaleciam os laços de solidariedade, ao mesmo tempo em que propiciavam a recriação de tradições africanas, construíam identidades. A Presença de negros nas irmandades católicas não era uma novidade, pois já no Século XVI, a irmandade de Nossa Senhora do Rosário instalada no Mosteiro de Domingos, em Lisboa aceitava africanos convertidos ao catolicismo. Esta Irmandade de Dona Dinda tinha um apego mais geral, aparentemente universal, mas queria dizer ‘branco’: “Com 15 anos o padre Jose Borges me consagrou na irmandade do Sagrado Coração de Jesus, nós usava fita vermelha, existia a irmandade das filhas de Maria. Desde esse dia rezo todo dia, pelos famintos, pelos vícios, pelas mães sofridas” (DONA DINDA, 90 anos, entrevista realizada no dia 20 de agosto de 2008).

Nessa perspectiva, pode-se compreender que os representantes da Igreja católica usaram a organização das associações das populações negras para ter o controle de suas práticas, já que as irmandades religiosas deviam estar acomodadas em uma Igreja. Os membros da Igreja e da elite escravista achavam, ou preferiam achar, que se tratava de uma manifestação da fé cristã. Isso propiciou proteção às irmandades e permitiu às populações negras lembrarem e conservarem traços das práticas culturais da África.

Considerações Finais:

O racismo, a discriminação, os estereótipos, causaram grandes impactos na construção da identidade e subjetividade dos afro descendentes. Ao longo de um processo histórico buscaram apagar da história, todo e qualquer elemento que lembrasse sua origem africana, submetendo os afro-descendentes a um longo processo de silenciamento. Vivenciamos um momento de luta dos afro descendentes na tentativa de enfraquecer o discurso eurocêntrico, tomar a palavra para dizer o que precisa ser dito. Mas o grupo dominante aciona mecanismos violentos que silenciam outros sentidos possíveis que poderiam ser atribuídos ao dito sobre o negro, mas que são indesejáveis para a manutenção do sistema e a perpetuação das relações de forças.

A imagem que o discurso dominante faz do afro descendente, hoje, não é diferente dos tempos da escravidão, tendo modificado apenas os mecanismos e as formas de expressá-la, de modo que o negro é deslocado do lugar de “coisa” para tornar-se um cidadão marginalizado. Tal discurso funciona como uma prática que determina o lugar que o afro descendente deve ocupar e falar na sociedade. Na realidade, o afro descendente não fala, fala-se por ele. O mesmo não se mostra como realmente é na sua essência. Ele é mostrado na sua aparência construída pelo outro. O afro descendente, raramente, constrói o seu discurso, mas alguém sempre constrói o discurso sobre ele e no lugar dele.

Nesse sentido, essa abordagem abriu espaço para as narrativas de uma afro descendente que constrói um discurso que evidencia a sua história de vida e de seus descendentes, valorizando a memória cultural que vem sendo re-significada de geração em geração.

Referencias Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 1 artes de fazer. Tradução de Ephraim
Ferreira Alves. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.